

IAN KERSHAW

# Hitler

*Tradução*

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Ian Kershaw

A primeira edição em língua inglesa foi publicada por Penguin Books Ltd, 2008.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Hitler

*Capa*

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

*Imagens de capa*

Hitler com seu cão Wolf (Coleção Rudolf Herz, Munique)

Hitler, janeiro de 1933 (© Bettmann/ Corbis (DC)/ LatinStock)

*Preparação*

Silvana Afram

*Índice remissivo*

Daniel Theodoro

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Marise S. Leal

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Kershaw, Ian

Hitler / Ian Keshaw ; tradução Pedro Maia Soares — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2010.

Título original : Hitler

ISBN 978-85-359-1758-1

1. Alemanha - Política e governo - 1933-1945 2. Chefes de Estado -  
Alemanha - Biografia 3. Hitler, Adolf, 1889-1945 4. Nacional- socia-  
lismo I. Título.

---

10-10067

CDD-943.086092

Índice para catálogo sistemático:

1. Alemanha : Chefes de Estado : Biografia 943.086092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

<i>Glossário de abreviações</i> .....	7
<i>Mapas</i> .....	9
<i>Prefácio à nova edição</i> .....	19
<i>Reflexões sobre Hitler</i> .....	24
1. Fantasia e fracasso .....	35
2. À margem .....	52
3. Júbilo e amargura .....	81
4. O agitador de cervejaria .....	100
5. O “arauto” .....	138
6. O surgimento do líder .....	172
7. Domínio do movimento .....	193
8. O grande avanço .....	228
9. Alçado ao poder .....	268
10. A fabricação do ditador .....	292
11. O poder total .....	333
12. Trabalhar para o Führer .....	352
13. Radicalização incessante .....	390
14. O ímpeto expansionista .....	433

15. Marcas de uma mentalidade genocida .....	480
16. Apostando tudo .....	502
17. Autorização para a barbárie.....	547
18. Zênite do poder .....	583
19. O projeto de uma “guerra de aniquilação” .....	623
20. Confronto final .....	656
21. O cumprimento da profecia .....	703
22. O último grande lance de dados .....	735
23. Sitiado.....	781
24. À espera de milagres .....	815
25. Uma sorte do diabo .....	852
26. Sem saída .....	879
27. O mergulho no abismo .....	923
28. Extinção.....	957
 <i>Epílogo</i> .....	 991
<i>Lista de ilustrações</i> .....	1005
<i>Principais fontes primárias publicadas sobre Hitler</i> .....	1013
<i>Índice remissivo</i> .....	1019

# Glossário de abreviações

ADGB	Allgemeiner Deutscher Gewerkschaftsbund (Confederação dos Sindicatos Alemães)
BVP	Bayerische Volkspartei (Partido Popular Bávaro)
DAP	Deutsche Arbeiterpartei (Partido dos Trabalhadores Alemães)
DDP	Deutsche Demokratische Partei (Partido Democrático Alemão)
DNVP	Deutschnationale Volkspartei (Partido Popular Nacional Alemão)
DSP	Deutschsozialistische Partei (Partido Socialista Alemão)
DSVB	Deutschvölkische Freiheitsbewegung (Movimento de Liberdade do Povo Alemão)
DVFP	Deutschvölkische Freiheitspartei (Partido da Liberdade do Povo Alemão)
DVP	Deutsche Volkspartei (Partido Popular Alemão)
GVG	Großdeutsche Volksgemeinschaft (Grande Comunidade Nacional Alemã)
KPD	Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista da Alemanha)
NSDAP	Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nazista)
NSFB	Nationalsozialistische Freiheitsbewegung (Movimento de Liberdade Nacional-Socialista)

NSFP	Nationalsozialistische Freiheitspartei (Partido da Liberdade Nacional-Socialista)
NS-Hago	Nationalsozialistische Handwerks-, Handels- und Gewerbeorganisation (Organização Nazista dos Ofícios, Comércio e Indústria)
OKH	Oberkommando des Heeres (Alto-Comando do Exército)
OKW	Oberkommando der Wehrmacht (Alto-Comando das Forças Armadas)
OT	Organização Todt
QGF	Führer Hauptquartier (Quartel-General do Führer)
RAF	Royal Air Force (Força Aérea Real)
RSHA	Reichssicherheitshauptamt (Gabinete Central de Segurança do Reich)
SA	Sturmabteilung (Tropa de Choque)
SD	Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança)
SPD	Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrático da Alemanha)
SS	Schutzstaffel (Brigada de Defesa)
USPD	Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands (Partido Social-Democrata Independente da Alemanha)

# I. Fantasia e fracasso

## I

O primeiro dos muitos golpes de sorte para Adolf Hitler aconteceu treze anos antes de seu nascimento. Em 1876, o homem que viria a ser seu pai mudou o nome de Alois Schicklgruber para Alois Hitler. O futuro ditador diria que nenhum outro ato de seu pai lhe agradara tanto quanto abandonar o sobrenome grosseiramente rústico, e podemos acreditar que foi mesmo assim. Com certeza, “Heil Schicklgruber” teria sido uma saudação improvável a um herói nacional.

Os Schicklgruber foram durante gerações uma família camponesa, pequenos proprietários em Waldviertel, uma região pitoresca, mas pobre, de morros e bosques (como o nome sugere) na parte mais noroeste da baixa Áustria, na fronteira com a Boêmia, cujos habitantes tinham reputação de austeridade, intransigência e hostilidade aos forasteiros. Alois nasceu ali em 7 de junho de 1837, na aldeia de Strones, filho ilegítimo de Maria Anna Schicklgruber, então com 41 anos de idade, ela filha do pequeno proprietário pobre Johann Schicklgruber; o menino foi batizado no mesmo dia (com o nome de Aloys Schicklgruber) na localidade vizinha de Döllersheim.

O pai de Hitler foi o primeiro membro da família a ascender socialmente. Em 1855, quando estava com dezoito anos, ganhou um emprego modesto no

Ministério das Finanças austríaco. Para um jovem de sua origem e educação limitada, seu progresso nos anos seguintes foi impressionante. Depois de estudar e passar nos exames necessários, alcançou, em 1861, um cargo de supervisão, e um posto no serviço de alfândega em 1864, tornando-se agente alfandegário em 1870, antes de se mudar no ano seguinte para Braunau am Inn, onde chegou ao posto de inspetor alfandegário em 1875.

Um ano depois, mudou de nome. Alois, o arrivista, talvez tenha preferido a forma menos rústica de “Hitler” (uma variante de “Hiedler”, também escrito “Hietler”, “Hüttler”, “Hütler”, que significa “pequeno proprietário”, sobrenome de Johann Georg Hiedler, que se casou mais tarde com a mãe de Alois, num aparente reconhecimento de paternidade). De qualquer modo, parece que Alois ficou bem satisfeito com seu novo nome e a partir da autorização final, em janeiro de 1877, sempre assinou “Alois Hitler”. Seu filho também gostou da forma mais diferente “Hitler”.

Klara Pölzl, que viria a ser a mãe de Adolf, era a mais velha das três filhas sobreviventes — as outras duas eram Johanna e Theresia — dos onze filhos de Johanna Hüttler, filha mais velha de Johann Nepomuk Hüttler, com Johann Baptist Pölzl, também pequeno proprietário em Spital. Klara cresceu na fazenda vizinha da de seu avô Nepomuk (que era irmão de Johann Georg Hiedler), o qual adotara efetivamente Alois Schicklgruber depois da morte de Hiedler. A mãe de Klara, Johanna, e sua tia Walburga haviam de fato crescido com Alois na casa de Nepomuk. Oficialmente, depois da mudança e legitimação do nome em 1876, Alois Hitler e Klara Pölzl eram primos em segundo grau. Ainda em 1876, aos dezesseis anos, Klara deixou a fazenda da família em Spital e mudou-se para Braunau am Inn para trabalhar como criada na casa de Alois Hitler.

Àquela altura, Alois era um respeitado funcionário da alfândega na cidade. Mas seus assuntos pessoais eram menos organizados do que sua carreira. Ele se casou três vezes, primeiro com Anna Glasserl, uma mulher muito mais velha, da qual se separou em 1880, depois com uma mulher jovem o suficiente para ser sua filha. Uma ligação pré-marital e seus dois últimos casamentos lhe dariam nove filhos, quatro dos quais morreriam na primeira infância. Era uma vida mais turbulenta que a média, ao menos para um fiscal alfandegário provinciano. Quando sua segunda esposa, Franziska (Fanni) Matzelberger, morreu de tuberculose em agosto de 1884, com apenas 23 anos, os dois filhos deles, Alois e Angela, ainda eram muito pequenos. Durante sua moléstia, Fanni fora levada



para o ar fresco do campo, nas cercanias de Braunau. Para cuidar de seu casal de filhos, Alois apelou diretamente para Klara Pölzl e trouxe-a para Braunau. Fanni mal fora enterrada, Klara já estava grávida. Uma vez que eram oficialmente primos em segundo grau, o casamento entre Alois e Klara precisava de licença da Igreja. Depois de esperar quatro meses, período no qual a condição de Klara ficou mais do que evidente, a licença chegou de Roma no fim de 1884 e o casal se casou em 7 de janeiro de 1885. A cerimônia foi realizada às seis horas da manhã. Logo após uma celebração rotineira, Alois estava de volta a seu trabalho no posto da alfândega.

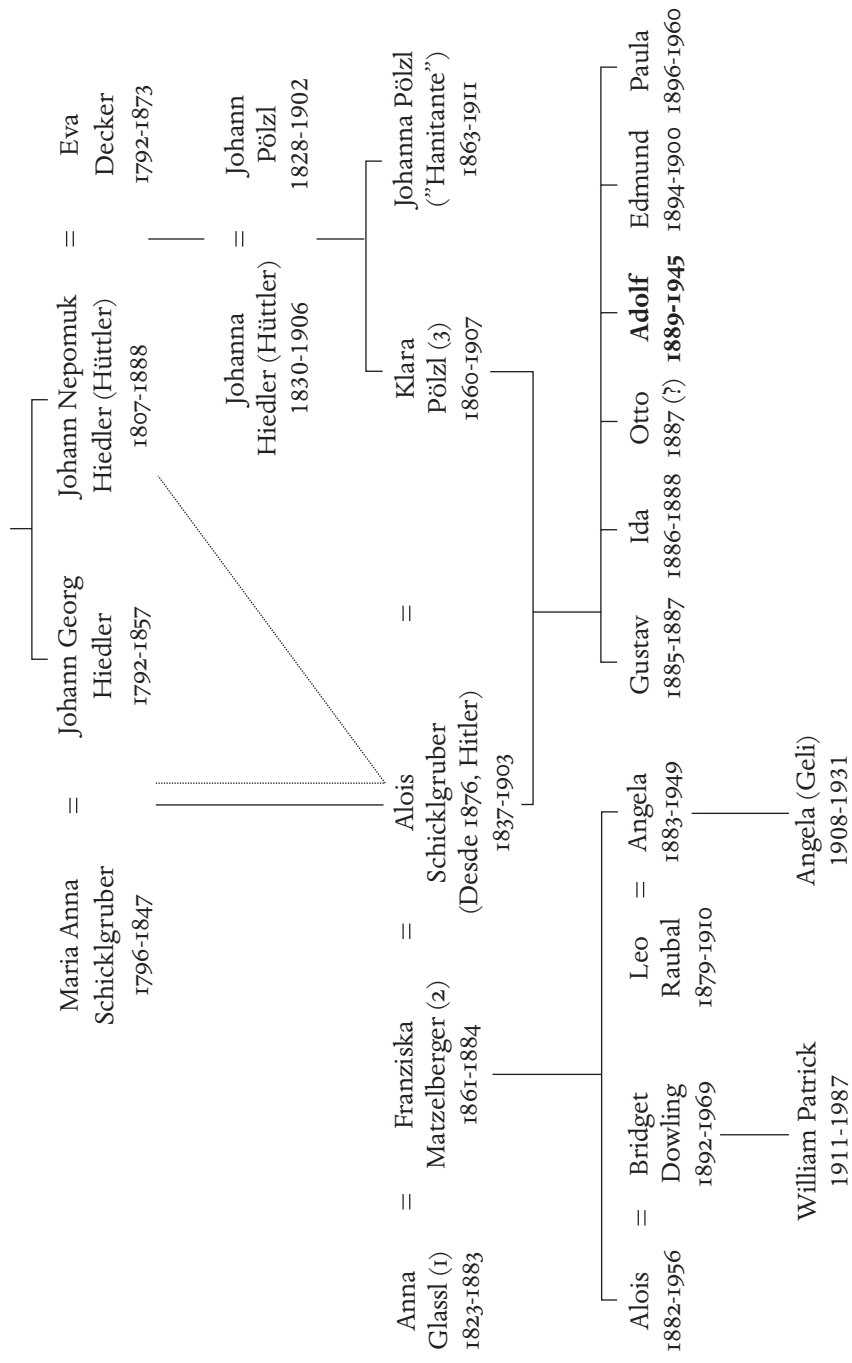
Gustav, o primeiro dos três filhos do terceiro casamento de Alois, nasceu em maio de 1885, seguido em setembro do ano seguinte pela menina Ida e, quase sem intervalo, por outro filho, Otto, que morreu dias depois do parto. Para Klara, a tragédia não ficou por aí: Gustav e Ida contraíram difteria e morreram poucas semanas depois, um após o outro, em dezembro de 1887 e janeiro de 1888. Mas no verão de 1888 Klara estava grávida de novo. Às 18h30 de 20 de abril de 1889, um sábado de Páscoa gelado e sombrio, ela deu à luz no hotel onde morava, Gasthof zum Pommer, Vosrstadt nº 219, o seu quarto filho, o primeiro a sobreviver à primeira infância: Adolf.

Os registros históricos dos primeiros anos de vida de Adolf são muito esparsos. Seu relato em *Mein Kampf* é inexato nos detalhes e fantasioso na interpretação. As lembranças de familiares e conhecidos divulgadas depois da guerra precisam ser tratadas com cautela e são, às vezes, tão duvidosas quanto as tentativas feitas durante o Terceiro Reich de glorificar a infância do futuro Führer. O fato é que há pouco em que se basear que não seja conjectura retrospectiva sobre o período de formação, tão importante para os psicólogos e “psico-historiadores”.

Quando Adolf nasceu, Alois já tinha uma situação financeira relativamente confortável. Sua renda era sólida, bem maior do que a de um diretor de escola primária. Além de Alois, Klara, os dois filhos do segundo casamento — Alois Jr. (antes de sair de casa, em 1896) e Angela —, Adolf e seu irmão mais moço, Edmund (nascido em 1894, mas morto em 1900), e a irmã Paula (nascida em 1896), na casa morava a cozinheira e criada Rosalia Schichtl. Havia também Johanna, tia de Adolf, uma das irmãs mais moças de sua mãe, mulher corcunda e temperamental, mas que gostava de Adolf e ajudava Klara nas atividades domésticas. Em termos materiais, portanto, a família Hitler levava uma confortável existência de classe média.

Porém, a vida familiar deixava a desejar em harmonia e felicidade. Alois era o arquétipo do funcionário público provinciano: pomposo, orgulhoso de sua posição social, rígido, destituído de humor, frugal, pedantemente pontual e devotado ao dever. Era visto com respeito pela comunidade local. Mas tinha um mau humor que podia explodir de forma bastante imprevisível. Em casa, era um marido despótico e dominador e um pai severo, distante, autoritário e, com frequência, irritadiço. Muito tempo depois do casamento, Klara ainda não conseguia perder o hábito de chamá-lo de “tio”. Mesmo depois da morte dele, mantinha uma estante com seus cachimbos na cozinha e às vezes apontava para eles quando se referia ao finado marido, como que invocando sua autoridade.

A falta de carinho do pai era mais do que compensada pela mãe. De acordo com a descrição feita muito tempo depois por seu médico judeu Eduard Bloch, após sua emigração forçada da Alemanha nazista, Klara Hitler era “uma mulher simples, modesta, gentil. Era alta, tinha cabelos castanhos que mantinha bem trançados e um rosto oval longo com belos e expressivos olhos azul-acinzentados”. Era de personalidade submissa, retraída e quieta, frequentadora zelosa da igreja, ocupada com a administração do lar e, sobretudo, dedicada aos cuidados com os filhos e enteados. A morte dos dois primeiros filhos com diferença de poucas semanas, em 1887-8, e a posterior morte de Edmund, seu quinto filho, com menos de seis anos, em 1900, devem ter sido golpes duros para ela. E seu sofrimento só pode ter aumentado com a convivência com um marido irascível, insensível e despótico. Não surpreende que ela desse a impressão de ser uma mulher triste e atormentada, assim como não é de estranhar que dedicasse um amor protetor e sufocante aos dois filhos sobreviventes, Adolf e Paula. Era, por sua vez, objeto de afeição e amor de seus filhos e enteados, e de forma muito especial de Adolf. “Visivelmente, o amor pela mãe era sua característica mais marcante”, escreveu mais tarde o dr. Bloch, e acrescentou: “Embora não fosse um ‘filhinho da mamãe’ no sentido usual, nunca vi um apego maior”. Em um dos poucos sinais de afeição humana registrados em *Mein Kampf*, Adolf escreveu: “Eu havia honrado meu pai, mas amava minha mãe”. Carregou uma foto dela até os últimos dias no bunker. O retrato dela estava em seu quarto de Munique, Berlim e no Obersalzberg (sua residência alpina perto de Berchtesgaden). Com efeito, sua mãe talvez tenha sido a única pessoa que ele amou genuinamente em toda a vida.



# A FAMÍLIA DE ADOLF HITLER

Os primeiros anos de Adolf se passaram, portanto, sob a proteção sufocante de uma mãe excessivamente ansiosa, num lar dominado pela presença ameaçadora de um pai disciplinador, cuja ira contra os rebentos não podia ser contida pela mãe submissa. Paula, a irmã mais nova de Adolf, disse depois da guerra que sua mãe era “uma pessoa muito suave e terna, o elemento compensador entre o pai quase duro demais e as crianças muito ativas que talvez fossem um pouco difíceis de criar. Se aconteciam disputas ou diferenças de opiniões entre meus pais”, continuou ela, “era sempre por causa dos filhos. Era especialmente meu irmão Adolf que provocava em meu pai a rispidez extrema e que levava uma bela surra todos os dias. [...] Mas, por outro lado, quantas vezes minha mãe o acariciava e tentava obter com bondade o que o pai não conseguia com a rispidez!”. Nos anos 1940, durante seus monólogos de fim de noite junto à lareira, o próprio Hitler relatava com frequência que seu pai tinha súbitos ataques de mau humor e batia nele. Não amava o pai, dizia; principalmente o temia. Costumava observar que sua pobre e amada mãe, a quem era tão ligado, vivia constantemente preocupada com as surras que ele levava, e às vezes esperava do outro lado da porta enquanto ele era espancado.

É bem possível que a violência de Alois se voltasse também contra a esposa. Um trecho de *Mein Kampf* no qual Hitler descreve a situação de uma família de operários em que os filhos presenciam o pai bêbado bater na mãe pode muito bem ter sido parcialmente inspirado em suas experiências infantis. Qual o legado disso tudo para o desenvolvimento do caráter de Adolf é uma questão aberta à especulação. Que seu impacto foi profundo, é difícil duvidar.

Sob a superfície, o Hitler do futuro estava indiscutivelmente sendo formado. Embora seja pura especulação, não é difícil imaginar que seu desprezo condescendente pela submissão das mulheres, a sede de domínio (e a imagem do Líder como uma figura paterna autoritária e dura), a incapacidade de estabelecer relações pessoais íntimas, a correspondente brutalidade fria em relação à humanidade e — não menos importante — a capacidade de odiar de maneira tão profunda, que devia ser reflexo de uma corrente subterrânea de ódio de si mesmo, escondida sob um narcisismo extremo, tudo isso devia ter raízes nas influências subliminais das circunstâncias familiares do jovem Hitler. Mas suposições devem permanecer conjecturas. Os traços externos dos primeiros anos de vida de Adolf, tanto quanto podem ser reconstruídos, não mostram indícios do que estava por vir. As tentativas de encontrar no menino “a pessoa pervertida dentro do ditador assassi-

no” mostraram-se inconvincentes. Se excluirmos nosso conhecimento do que estava por vir, suas circunstâncias familiares provocariam, em sua maior parte, simpatia pela criança exposta a elas.

## II

Alois Hitler sempre foi uma alma inquieta. Sua família havia mudado de casa diversas vezes em Braunau e fora deslocada posteriormente em várias ocasiões. Em novembro de 1898, uma mudança final aconteceu quando ele comprou uma casa com um pequeno terreno anexo em Leonding, uma aldeia nas cercanias de Linz. A partir de então, a família estabeleceu-se na região, e Adolf — até seus últimos dias no bunker — sempre considerou Linz sua terra natal. Ela o lembrava dos dias felizes e despreocupados de sua juventude. Estava associada à sua mãe. E era a cidade mais “alemã” do Império Austríaco. Evidentemente, simbolizava para ele a idílica cidade germânica pequena e provinciana — imagem que durante toda a sua vida oporia à cidade que ele logo viria a conhecer e detestar: Viena.

Adolf estava então em sua terceira escola primária. Parece que se enturmou rapidamente com um novo grupo de colegas e se tornou “um pequeno líder” nas brincadeiras de mocinho e bandido que os meninos da aldeia faziam nos bosques e campos ao redor de suas casas. Os jogos de guerra eram os preferidos. Adolf impressionou-se com um livro que encontrara em casa sobre a história da Guerra Franco-Prussiana. E, quando começou a Guerra dos Bôeres, as brincadeiras giravam em torno dos feitos heroicos dos africâneres, que os meninos da aldeia apoiavam com fervor. Mais ou menos na mesma época, Adolf ficou encantado com as histórias de aventuras de Karl May, cujos contos populares sobre o Oeste Selvagem e as guerras indígenas (embora jamais tivesse visitado a América) fascinavam milhares de jovens. A maioria deles deixava para trás as aventuras de Karl May e as fantasias infantis depois que cresciam. Para Adolf, no entanto, o fascínio por esse autor nunca se apagou. No comando do país, ainda lia as histórias de May e as recomendava a seus generais, aos quais acusava de falta de imaginação.

Mais tarde, Adolf se referiria a esse “tempo feliz” quando “as lições de casa eram ridiculamente fáceis, deixando-me tanto tempo livre que o sol me via mais do que meu quarto”, quando “campos e bosques eram então campos de batalha

nos quais os sempre presentes ‘antagonismos’ — o crescente conflito com seu pai — “chegavam a um ponto crítico”.

Mas em 1900 os dias de despreocupação estavam chegando ao fim. E justamente na época em que era preciso tomar decisões importantes sobre o futuro de Adolf e o rumo da educação secundária que deveria seguir, a família Hitler mergulhou mais uma vez na dor com a morte de Edmund, o irmão mais novo, causada por sarampo, em 2 de fevereiro de 1900. Com o filho mais velho, Alois Jr., já em conflito com o pai e vivendo longe de casa, quaisquer ambições de carreira que Alois tivesse para seus descendentes recaíam agora sobre Adolf. Elas levariam à tensão entre pai e filho pelo resto dos dias de Alois.

Adolf entrou para a escola secundária em 17 de setembro de 1900. Seu pai optara pela *Realschule* em vez do ginásio, ou seja, por uma escola que atribuía menos peso aos estudos clássicos e humanistas tradicionais, mas ainda era considerada uma preparação para a educação superior, com ênfase em matérias mais “modernas”, como ciências e estudos técnicos. De acordo com Adolf, seu pai havia sido influenciado pela aptidão que o filho já demonstrava para o desenho, bem como por seu próprio desprezo pelos pouco práticos estudos humanistas, que vinha do fato de ter progredido na carreira sem eles. Não era o caminho típico para um candidato a funcionário público — carreira que Alois tinha em mente para seu filho. Mas Alois fizera uma boa carreira no serviço público austríaco quase sem educação formal digna de menção.

A transição para a escola secundária foi difícil para o jovem Adolf. Tinha de viajar todos os dias de sua casa em Leonding para a escola em Linz, uma jornada de mais de uma hora só de ida, deixando-lhe pouco ou nenhum tempo para desenvolver amizades fora da escola. Se entre os meninos de Leonding ainda era figura importante, seus novos colegas de aula não lhe davam atenção especial. Não tinha amigos íntimos na escola, nem procurava tê-los. E a atenção que recebia de seu professor de aldeia foi substituída pelo tratamento mais impessoal dos vários professores responsáveis cada um por uma matéria. O esforço mínimo com que Adolf dera conta das exigências da escola primária não era mais suficiente. Seus trabalhos escolares, que haviam sido tão bons no primário, sofreram desde o início do secundário. E seu comportamento revelava sinais claros de imaturidade, o que se refletiu em seu histórico escolar, que até o momento em que deixou a escola, no outono de 1905, variou entre o ruim e o medíocre.

Em carta ao advogado de defesa de Hitler, datada de 12 de dezembro de

1923, após o golpe fracassado em Munique, seu ex-professor Eduard Huemer lembrou que Adolf era um jovem magro e pálido que viajava entre Leonding e Linz, um menino que não fazia pleno uso de seu talento, carecia de aplicação e era incapaz de se adequar à disciplina da escola. Caracterizou-o como teimoso, arrogante, dogmático e exaltado. Recebia as censuras dos professores com insolência mal disfarçada. Com seus colegas de classe, era dominador e figura de proa nas travessuras imaturas que Huemer atribuía a um excesso de fascínio pelas histórias de Karl May, e a uma tendência a desperdiçar tempo, piorada pela viagem diária que fazia para ir à escola.

Não há dúvida de que a atitude de Hitler em relação à escola e aos professores (com uma exceção) era fortemente negativa. Ele deixou a escola “com um ódio elementar” dela e, mais tarde, zombava da educação e dos professores. Somente seu professor de história, dr. Leopold Pötsch, foi agraciado com elogios em *Mein Kampf* por estimular seu interesse por narrativas vivificantes e histórias de heroísmo do passado alemão, despertando nele um forte sentimento anti-Habsburgo e nacionalista-alemão (que era predominante tanto em sua escola como na cidade de Linz de um modo geral).

Os problemas de adaptação que Adolf encontrou na *Realschule* de Linz se agravaram com a deterioração de suas relações com o pai e a ferida aberta pelas disputas sobre sua carreira futura. Para Alois, as virtudes da carreira no serviço público não podiam ser contestadas. Mas todas as suas tentativas de entusiasmar o filho eram recebidas com rejeição inflexível. “Eu bocejava e passava mal do estômago só de pensar em ficar sentado num escritório, privado de minha liberdade, deixando de ser senhor de meu tempo”, escreveu Adolf em *Mein Kampf*.

Quanto mais ele resistia à ideia, mais autoritário e insistente ficava o pai. Igualmente teimoso, quando lhe perguntavam sobre o que imaginava fazer no futuro, Adolf respondia que queria ser artista, algo que para um austero servidor público austríaco como Alois era impensável. “Artista, não, jamais enquanto eu for vivo!”, Hitler o fazia dizer. Pode-se duvidar que o jovem Adolf, aos doze anos, tivesse tanta certeza de que queria ser artista. Mas parece certo que sua má vontade em seguir uma carreira no serviço público despertara um conflito com o pai, que censurava a vida indolente e sem finalidade do filho, que tinha no desenho seu principal interesse. Graças ao esforço e à diligência, Alois subira de uma origem humilde para uma posição de dignidade e respeito no serviço público. Seu filho, partindo de uma posição mais privilegiada, achava apropriado não fazer nada

além de desperdiçar seu tempo desenhando e sonhando, não se esforçava na escola, não tinha uma carreira em vista e zombava daquela que significava tudo para o pai. Portanto, a disputa equivalia a mais do que uma rejeição do serviço público. Era uma rejeição de tudo o que seu pai representava e, com isso, uma rejeição do próprio pai.

A adolescência de Adolf, ao menos de acordo com os comentários contidos em *Mein Kampf*, foi “muito dolorosa”. Com a ida para a escola em Linz e o começo do conflito com o pai, iniciou-se uma importante fase na formação de seu caráter. O menino alegre e brincalhão da escola primária transformou-se num adolescente preguiçoso, ressentido, rebelde, emburrado, teimoso e sem propósito.

Em 3 de janeiro de 1903, quando Alois Hitler teve um colapso e morreu sobre seu habitual copo de vinho na Gasthaus Wiesinger, acabava o conflito de vontades sobre o futuro do jovem Adolf. O pai deixou a família em situação confortável. E, quaisquer que fossem os ajustes emocionais necessários para a viúva Klara, é improvável que Adolf, agora o único “homem da casa”, tenha chorado a morte do pai. Com ela, afastava-se grande parte da pressão da família. Sua mãe fez o que pôde para persuadir Adolf a cumprir a vontade de Alois. Mas evitou o confronto e, por mais que se preocupasse com o futuro do filho, estava disposta a ceder a seus caprichos. De todo modo, o fraco desempenho escolar de Adolf impedia qualquer expectativa realista de que viesse a se qualificar para uma carreira no serviço público.

Seu histórico escolar permaneceu medíocre nos dois anos seguintes. No outono de 1905, aos dezesseis anos, fez uso da doença — fingida ou, mais provavelmente, exagerada — para persuadir a mãe de que não estava em condições de continuar na escola, e abandonou alegremente os estudos, sem nenhuma perspectiva de carreira futura.

O período que vai do abandono da escola, no outono de 1905, à morte da mãe, no fim de 1907, é esquecido quase completamente em *Mein Kampf*. Nesses dois anos, Adolf levou uma vida de ociosidade parasítica — financiado, cuidado e mimado por uma mãe apaixonada, com seu próprio quarto no confortável apartamento da Humboldtstraße, em Linz, para onde a família se mudara em junho de 1905. Sua mãe, a tia Johanna e a irmã Paula estavam lá para cuidar de todas as suas necessidades, lavando, limpando e cozinhando para ele. A mãe chegou a comprar-lhe um piano de cauda, no qual ele teve aulas durante quatro meses, entre outubro de 1906 e janeiro de 1907. Passava os dias desenhando, pintando,



lendo ou escrevendo “poesia”; as noites eram para ir ao teatro ou à ópera; e o tempo inteiro ele sonhava acordado e fantasiava sobre seu futuro de grande artista. Ficava acordado até tarde da noite e dormia a manhã toda. Não tinha nenhum objetivo claro à vista. O estilo de vida indolente, a grandiosidade de sua fantasia, a falta de disciplina para o trabalho sistemático — todas as características do Hitler de depois — podem ser observados nesses dois anos em Linz. Não surpreende que ele viesse a se referir a esse período como “os dias mais felizes, que pareciam para mim quase um lindo sonho”.

A vida despreocupada de Adolf em Linz, entre 1905 e 1907, é descrita pelo único amigo que teve na época: August Kubizek, filho de um tapeceiro, que sonhava em se tornar um grande músico. Os relatos de Kubizek escritos no pós-guerra precisam ser tratados com cautela, tanto nos detalhes factuais como na interpretação. São uma versão ampliada e retocada de suas memórias, cuja compilação lhe fora originalmente encomendada pelo Partido Nazista. Mesmo em retrospecto, a admiração que ele continuava a sentir por seu antigo amigo tinge seu juízo. Mais do que isso, Kubizek simplesmente inventou muita coisa, construiu trechos em torno do relato de Hitler em *Mein Kampf* e quase plagiou algumas partes para amplificar sua memória. Porém, apesar dessas limitações, essas lembranças revelaram-se uma fonte mais verossímil sobre a juventude de Hitler do que se pensava, em particular quando falam de experiências relacionadas aos interesses de Kubizek por música e teatro. Não há dúvida de que, quaisquer que sejam suas deficiências, elas contêm reflexos importantes da personalidade do jovem Hitler, mostrando traços embrionários que se tornariam muito proeminentes em anos posteriores.

August Kubizek — “Gustl” — era cerca de nove meses mais velho que Adolf. Conheceram-se por acaso no outono de 1905 (não de 1904, como afirmou Kubizek) no teatro lírico de Linz. Havia alguns anos que Adolf era admirador fanático de Wagner, e seu amor pela ópera, em especial pelas obras do “mestre de Bayreuth”, era compartilhado por Kubizek. Gustl era muito impressionável; Adolf estava em busca de alguém para impressionar. Gustl era submisso, de vontade fraca, subordinado; Adolf era superior, determinante, dominante. Gustl tinha sentimentos fortes em relação a pouca coisa ou a nada; Adolf tinha sentimentos fortes em relação a tudo. “Ele precisava falar e precisava de alguém que o ouvisse”, relembrou Kubizek. De sua parte, Gustl — que vinha de família de artesãos, frequentara uma escola inferior à de Adolf e, portanto, se sentia inferior do

ponto de vista social e educacional — encheu-se de admiração pelo poder de expressão do amigo. Não importava se Adolf discursasse bombasticamente sobre as deficiências dos servidores públicos, dos professores, da tributação local, das loterias da previdência social, das interpretações operísticas ou dos prédios públicos de Linz, Gustl ficava fascinado como nunca se sentira. Achava atraente não apenas o que seu amigo tinha a dizer, mas também o modo como dizia. Gustl, que se retrata como um jovem sonhador e quieto, encontrara um contraste ideal no obstinado, presunçoso e sabichão Hitler. Era uma parceria perfeita.

Nas noites em que iam ao teatro ou à ópera, vestiam suas melhores roupas, e o pálido e mirrado Hitler, exibindo traços de um bigode fino, parecia afetado em seu paletó preto e chapéu escuro, imagem completada por uma bengala preta com punho de marfim. Após o espetáculo, Adolf invariavelmente discursava, fazendo críticas acaloradas ou extasiadas à produção. Embora tivesse mais dotes e conhecimentos musicais, Kubizek era o parceiro passivo e submisso nessas “discussões”.

A paixão de Hitler por Wagner não tinha limites. Uma execução podia afetá-lo quase como uma experiência religiosa, mergulhando-o em fantasias profundas e místicas. Para ele, Wagner era o gênio artístico supremo, o modelo a ser imitado. Adolf empolgava-se com seus poderosos dramas musicais, sua evocação de um passado germânico heroico, distante e sublimemente místico. *Lohengrin*, a saga do misterioso cavaleiro do graal, síntese do herói teutônico enviado do castelo de Monsalvat por seu pai Parsifal para resgatar a donzela Elsa, condenada erroneamente, mas que por fim o trai, foi a primeira ópera de Wagner a que Hitler assistiu e continuou a ser sua preferida.

Mais ainda que a música, o tema das conversas entre Adolf e Gustl era a arte e arquitetura. Mais especificamente, o futuro do grande gênio artístico de Adolf. O jovem afetado Hitler zombava da ideia de trabalhar para ganhar o pão de cada dia. Extasiava o impressionável Kubizek com suas visões de si mesmo como grande artista e do amigo como músico famoso. Enquanto Kubizek labutava na oficina do pai, Adolf passava seu tempo desenhando e sonhando. Encontrava-se com Gustl depois do trabalho e, enquanto vagavam por Linz à noite, dissertava sobre a necessidade de derrubar, remodelar e substituir os prédios públicos do centro, mostrando ao amigo seus incontáveis esboços de planos de reconstrução.

O mundo de faz de conta incluía também a paixão de Adolf por uma moça que nem sabia da existência dele. Stefanie, uma jovem elegante de Linz que era

vista passeando pela cidade de braço dado com a mãe e às vezes saudada por um admirador entre os jovens oficiais, era para Hitler um ideal a ser admirado a distância, não para ser abordado pessoalmente, uma figura de fantasia que estaria esperando pelo grande artista quando chegasse o momento certo para o casamento deles, após o qual viveriam numa mansão magnífica que ele projetaria para ela.

Outro episódio, que se passou por volta de 1906, ilustra bem o mundo de fantasia em que Adolf vivia. Depois de comprar com o amigo um bilhete de loteria, ele teve tanta certeza de que ganhariam o primeiro prêmio que desenhou uma visão detalhada da futura residência deles. Os dois moços levariam uma existência artística, cuidados por uma senhora de meia-idade que cumprisse com as exigências artísticas de ambos — nem Stefanie nem outra mulher da idade deles figuravam nessa visão —, e iriam a Bayreuth, Viena e outros lugares de prestígio cultural. Adolf tinha tanta certeza de que ganhariam que sua fúria contra a loteria estatal não teve limites quando a fezinha deles não vingou.

Na primavera de 1906, Adolf persuadiu a mãe a financiar sua primeira viagem a Viena, supostamente para estudar a galeria de quadros do Museu da Corte, mais provavelmente para realizar uma ambição crescente de visitar os pontos culturais da capital imperial. Durante duas semanas, talvez mais, ele passeou por Viena como um turista visitando as muitas atrações da cidade. Não se sabe onde se hospedou. Os quatro postais que enviou ao amigo Gustl e seus comentários em *Mein Kampf* mostram como ficou seduzido pela grandiosidade dos prédios e pelo traçado da Ringstraße. Além disso, parece ter passado seu tempo no teatro e se maravilhado na Ópera da Corte, onde as produções de Gustav Mahler para *Tristão e Isolda* e *O holandês voador* de Wagner deixavam as da provinciana Linz no chinelo. Nada havia mudado ao retornar para casa. Mas a estadia em Viena aprofundou a ideia, que provavelmente já rondava sua cabeça, de que desenvolveria sua carreira artística na Academia Vienense de Belas Artes.

No verão de 1907, essa ideia assumiu uma forma mais concreta. Adolf estava então com dezoito anos, mas ainda não havia ganhado um só dia de renda própria e continuava a levar uma vida de ócio sem perspectiva de carreira. Apesar do conselho de parentes de que estava na hora de arrumar um emprego, ele persuadiu a mãe a deixá-lo voltar para Viena, dessa vez com a intenção de entrar na Academia. Não importavam quais fossem as reservas de Klara, a perspectiva de que seu filho estudasse na Academia Vienense deve ter lhe parecido um avanço em

relação à existência sem propósito que ele levava em Linz. Mas a mãe não precisava se preocupar com o bem-estar material de Adolf: a “Hanitante” — tia Johanna — fez um empréstimo de 924 coroas para financiar os estudos artísticos do sobrinho. Isso lhe deu algo como um salário anual de professor ou advogado iniciante.

Àquela altura, a mãe de Hitler estava gravemente doente, com câncer de mama. Já fora operada em janeiro, e durante a primavera e o início do verão havia sido tratada com frequência pelo dr. Bloch, o médico judeu da família. Klara — agora na nova casa da família, em Urfahr, subúrbio de Linz — deve ter ficado preocupada não somente com os crescentes custos médicos, mas também com Paula, sua filha de onze anos, cuidada pela tia Johanna, e com seu querido filho, ainda sem um futuro claro. O estado da mãe certamente afligia Adolf, descrito pelo dr. Bloch como um rapaz alto, pálido e de aparência frágil que “vivía ensimesmado”. No início do ano, havia pagado uma conta de cem coroas pelos vinte dias que ela permanecera no hospital. Chorou quando o dr. Bloch teve de dar a ele e sua irmã a má notícia de que a mãe tinha poucas chances de sobreviver ao câncer. Cuidou dela durante a doença e angustiou-se com as dores intensas que sentia. Ao que parece, teve de assumir a responsabilidade pelas decisões que tinham de ser tomadas sobre o tratamento. Mas, apesar da piora do estado da mãe, Adolf levou adiante seus planos de mudar-se para Viena. Partiu para a capital no começo de setembro de 1907, a tempo de fazer o exame para a Academia de Belas Artes.

A admissão era decidida com base nas obras apresentadas pelos candidatos. Hitler escreveu mais tarde que havia saído de casa “armado com uma pilha grossa de desenhos”. Foi um dos 113 candidatos aceitos para realizar o exame propriamente dito; 33 candidatos foram excluídos no teste inicial. No início de outubro, submeteu-se aos dois duros exames nos quais os candidatos tinham de fazer desenhos sobre temas específicos. Somente 28 candidatos foram aprovados: Hitler não estava entre eles. “Exame de desenho insatisfatório. Poucas aptidões”, foi o veredicto.

É óbvio que jamais ocorrera ao excessivamente autoconfiante Adolf que pudesse fracassar no exame de admissão para a Academia. Em *Mein Kampf* ele confessou: “convencido de que seria brincadeira de criança passar no exame [...] eu estava tão certo de que teria êxito que, quando recebi minha rejeição, foi como se caísse um raio do céu sobre mim”. Ele procurou uma explicação, e o reitor da Academia lhe disse que não havia dúvidas quanto à sua inadequação para a escola de pintura, mas que seus talentos se direcionavam claramente para a arquitetura.

Em suas palavras, Hitler deixou a entrevista, “pela primeira vez em minha jovem vida, em conflito comigo mesmo”. Conforme o que escreveu, após ponderar por alguns dias sobre seu destino, concluiu que o julgamento do reitor estava correto e que deveria se “tornar arquiteto um dia” — não que tenha feito alguma coisa na ocasião ou depois para remediar as deficiências educacionais que significavam um grande obstáculo para uma carreira na arquitetura. Na realidade, Adolf não recuou com a rapidez que seu relato sugere e o fato de se candidatar novamente no ano seguinte à escola de pintura lança dúvidas sobre a versão de um reconhecimento súbito de que seu futuro estava em ser arquiteto. De qualquer modo, a rejeição pela Academia foi um golpe tão violento em seu orgulho que ele a manteve em segredo. Evitou contar o fracasso tanto para seu amigo Gustl como para sua mãe.

Enquanto isso, Klara Hitler estava morrendo. A aguda deterioração de sua saúde levou Adolf a voltar de Viena e ouvir do dr. Bloch, perto do fim de outubro, que seu estado era irremediável. Profundamente afetado pela notícia, ele foi mais do que cumpridor de seus deveres. Tanto sua irmã como o dr. Bloch confirmaram mais tarde seu cuidado devotado e “infatigável” pela mãe agonizante. Mas, apesar da atenção minuciosa do médico, a saúde de Klara piorou de forma rápida durante o outono. Em 21 de dezembro de 1907, aos 47 anos, ela faleceu serenamente. O dr. Bloch chegou a dizer que, embora já tivesse testemunhado muitas cenas de leito de morte, “nunca vi ninguém tão prostrado de dor como Adolf Hitler”. A morte de sua mãe foi um “golpe medonho”, escreveu ele em *Mein Kampf*, “particularmente para mim”. Ele sentiu-se sozinho e desolado com seu falecimento. Havia perdido a única pessoa por quem havia sentido afeição e ternura.

Mais tarde, Hitler diria: “Pobreza e realidade dura obrigaram-me então a tomar uma decisão rápida. O pouco que meu pai deixara foi gasto, em larga medida, na doença grave de minha mãe; a pensão de órfão à qual eu tinha direito não era suficiente para me sustentar e então tive de encarar o problema de ganhar de algum modo minha vida”. Quando, após a morte de Klara, retornou a Viena pela terceira vez, agora para ficar alguns anos, disse que recuperara sua velha determinação e seu objetivo estava claro: “Eu queria me tornar arquiteto e os obstáculos não existem para que nos rendamos a eles, mas somente para serem superados”. E decidiu superá-los inspirado no exemplo da ascensão de seu pai, por esforço próprio, da pobreza à posição de funcionário do governo.

Na verdade, a forma prudente com que sua mãe administrara o lar e as contribuições não insignificantes da tia Johanna deixaram mais do que o suficiente para pagar pelos consideráveis custos médicos, bem como pelo relativamente caro funeral. E Adolf também não ficou totalmente desprovido. Não tinha necessidade de ganhar a vida imediatamente. É certo que a pensão mensal para órfãos de 25 coroas que ele e sua irmã Paula recebiam — que ficou aos cuidados da meia-irmã Angela e de seu marido Leo Raubal — dificilmente seria suficiente para seu sustento numa Áustria mergulhada na inflação. E, com exceção dos juros, Adolf e Paula não podiam tocar na herança do pai enquanto não completassem 24 anos. Mas o que a mãe deixou — talvez cerca de 2 mil coroas, depois de pagas as despesas do enterro — foi dividido entre o casal de filhos. A parte de Adolf, somada à sua pensão de órfão, era suficiente para mantê-lo em Viena durante um ano sem precisar trabalhar. Além disso, ele contava com o remanescente do generoso empréstimo de sua tia. Não tinha a segurança financeira que às vezes lhe foi atribuída. Mas, no fim das contas, sua posição financeira era, nessa época, substancialmente melhor que a da maioria dos verdadeiros estudantes de Viena.

Ademais, Adolf tinha menos pressa de deixar Linz do que sugere em *Mein Kampf*. Embora sua irmã, quase quarenta anos depois, tivesse declarado que ele se mudara para Viena poucos dias após a morte da mãe, a presença de Adolf em Urfahr foi registrada ainda em meados de janeiro e meados de fevereiro de 1908. A não ser que tenha feito visitas breves a Viena entre essas datas, o que parece improvável, conclui-se que permaneceu em Urfahr por pelo menos sete semanas depois da morte de Klara. O livro de contabilidade da família indica que o rompimento com Linz não aconteceu antes de maio.

Quando voltou efetivamente para Viena, em fevereiro de 1908, não foi para tomar, com o vigor necessário, as medidas que o levariam a ser arquiteto, mas para retornar à vida de indolência, ócio e comodismo que levava antes da morte da mãe. E chegou mesmo a persuadir os pais de Kubizek a deixar August abandonar o trabalho no negócio de tapeçaria da família e juntar-se a ele em Viena para estudar música.

O fracasso na admissão à Academia e a morte da mãe, ambos ocorridos nos últimos quatro meses de 1907, significaram um golpe duplo e esmagador para o jovem Hitler. Fora acordado de forma abrupta do sonho de um caminho sem esforço para a fama de grande artista e, ao mesmo tempo, perdera a única pessoa de quem dependia emocionalmente. Mas sua fantasia artística permanecia viva.

Qualquer alternativa — como um emprego estável em Linz — era uma ideia repugnante. Uma vizinha de Urfahr, viúva do agente do correio local, lembraria mais tarde: “Quando o agente do correio lhe perguntou um dia o que ele queria fazer para ganhar a vida e se gostaria de entrar para os correios, ele respondeu que sua intenção era se tornar um grande artista. Quando foi lembrado de que carecia dos recursos financeiros necessários e de conexões pessoais, retrucou de forma lapidar: ‘Makart e Rubens subiram sozinhos da pobreza’”. De que modo ele poderia imitá-los, isso não estava nada claro. Sua única esperança estava em fazer novamente o exame de admissão para a Academia no ano seguinte. Devia saber que suas chances não eram grandes, mas não fez nada para melhorá-las. Enquanto isso, tinha de se virar em Viena.

Apesar da alteração drástica de suas perspectivas e circunstâncias, o estilo de vida de Adolf — a existência errante num mundo de fantasia egoísta — não mudou. Mas o deslocamento do provincianismo aconchegante de Linz para o caldeirão político e social de Viena marcou uma transição crucial. As experiências na capital austríaca deixariam uma marca indelével no jovem Hitler e moldariam de modo decisivo a formação de seus preconceitos e fobias.